

Narradores de Javé: o contar alinhavado no rebuliço de vozes e de memórias

Bene¹ MARTINS (ETDUFPA)

Tudo que é bom de passar é ruim de contar.
Ariano Suassuna

Resumo

Este texto, emaranhando múltiplos fios discursivos, versará sobre as artimanhas do ato de contar e da necessidade de se manter o registro dos relatos, indubitavelmente, como uma forma de sobrevivência apresentada no filme *Narradores de Javé*², de Eliane Caffé (2003). O longa trata da importância da memória contida nos relatos orais do povoado nordestino, até então relegados às margens da história oficial. Lugar pacato onde todos sabiam tudo sobre todos. Lugar onde o contar histórias era, aparentemente, uma maneira de encurtar o tempo, ou talvez, como uma “reação ao peso do viver”, como diria Italo Calvino. Mas, para além do contar, havia a rememoração de cada um, tão falha e tão rica, porque atravessada pelo imaginário individual-coletivo e, ainda, permeada pelos diversos tons de vozes enunciativas de “mentiras” condutoras das várias versões que tentam recompor um tempo ido. Esses moradores do Vale de Javé conviviam ao sabor do devir, até que foram confrontados com outra lógica de existência.

A partir de referenciais zumthorianos: poética da voz; performance, quando enfoca a oralidade; os efeitos da presença, do ambiente e do corpo em ação; a ligação de memória a um futuro; a força do imaginário que se sobrepõe aos fatos; se fará uma análise dessa tessitura exposta em peripécias e imagens. Os diversos narradores, como estratégia de sobrevivência,

¹ Nome completo: Benedita Afonso MARTINS – para citação LATTES, só utilizo Bene MARTINS. Professora da Escola de Teatro e Dança-ETDUFPA. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônica: construção do acervo dramático. Dramaturgista. e-mail: behne03@yahoo.com.br

² Narradores de Javé é um filme brasileiro de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé.

precisavam registrar suas memórias de forma grandiosa – "uma coisa é o fato acontecido, outra é o fato escrito" afirma o esquivador das narrações – para que surtisses efeito contrário à devastação que viria com o maquinário e o suposto desenvolvimento do lugarejo. Estes, ao contrário do Gênesis quando afirma que "o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras" (Gn 11,1) os narradores de Javé, falavam em diferentes vozes, tons e versões com as mesmas palavras, mas carregadas dos sentidos que lhes cabiam atribuir no momento de narrar a história que os salvaria, desde que fosse escrita.

Estes narradores, à semelhança do narrador sedentário de Walter Benjamim, ainda praticavam a experiência repassada de boca em boca. Eles se viram, de repente, diante da lógica da técnica, da construção de uma hidrelétrica que inundaria o lugar, eles teriam de sair de suas casas e, então se deram conta de que, seus relatos orais apenas não os salvariam, se apegaram à alternativa que lhes veio à mente: contratar a única pessoa letrada do lugar, espécie de malandro – já enxotado do lugar por ter enganado os moradores – para escrever, registrar a “verdadeira” história que, ao ser contada por uma moradora mulher, a heroína era Maria Dina, mulher guerreira. Na versão de um morador negro, o herói principal é um negro chamado Indalêo. Quando um dos mais idosos narra, o herói é Idalécio, fundador do lugar. Assim o enredo segue, cada um elegendo seus personagens principais descendentes de quem narra cada versão. Todos, no entanto, querendo protagonizar o “Livro da Salvação”.

Palavras-chave: performance; oralidade; escrita; memória

Início ...

Zaqueu, antigo morador de Javé, é quem traz a notícia de que tudo desaparecerá para dar lugar à hidrelétrica. Alvorço total entre os moradores. Em seguida, ele tem a ideia de que teriam de escrever sobre as coisas importantes que aconteceram em Javé, só mesmo um fato grandioso para tornar um lugar como patrimônio a ser preservado. Firmino, outro morador, exclama! – “Xii, então danou-se, este lugar não vale o que o gato enterra”. Todos em uníssono decidem que sim, Javé tem uma história de guerreiros e guerreira que iniciaram o povoado. Todos querem falar, registrar os fatos de importância, mas ninguém sabe escrever, precisam recorrer ao esperto Antonio Biá. Este teria de escrever as histórias de forma “científica”.

Biá não tinha alternativa, pois ele se valeu do povo para preservar seu posto de trabalho, agora teria de se valer do seu ofício de escrever para salvar o povo da inundação. Um pouco sobre Biá: ele trabalhava no posto dos correios, como não havia movimento, o posto seria fechado. Ele, então, começou a escrever para diversos destinatários, começou a brincar, a fazer piadas e contar lorotas sobre os moradores do lugar. Assim manteve o

emprego. Mas, história em boca de gente corre mais rápido que o vento, descoberto em sua façanha, Biá fora expulso do lugar.

A partir de então, Biá vivia isolado, até que foram buscá-lo para cumprir sua missão e se redimir junto aos caluniados. Ele teria de fazer um “dossiê, um juntado nas coisas importantes que aconteceram em Javé, ouvindo e escrevendo, não podia ser história xistosa, tinha que ser científica. Biá, sem alternativa, se apruma, munido de lápis, livro registro e bolsa a tiracolo, começa a visitar os antigos moradores. Ele escreveria a Odisséia do Vale de Javé, registraria as memórias javélicas, mas queria escrever ao seu modo, enfeitando um bocadinho. A cada encontro, todos reunidos, a discussão era a tônica, cada um alterando e discordando do que o outro contava.

Na entrada do seu quartinho, acima da porta, lê-se a frase: “Proibida a entrada de analfabetos” e, na parede ao lado da cama, “Conheci um sujeito que era tão doido que não tinha cabelo, tinha capim”. Biá, segundo ele mesmo, “sou todo errado, entro sem esperar licença e só saio se for mandado”. Assim, folgado, esperto e irônico, cheio de jinga e lábia, passava de casa em casa. Ele só escrevia e sabia pensar a lápis, porque lápis obedece a mão e o pensamento, se agarra ao papel, ao contrário da caneta que corre no papel numa desinteria de tinta, não obedece a mão, atropela o pensamento.

Quando indagado sobre o porquê de ter escrito calúnias sobre as pessoas do lugar, Biá se defende: “eu só mostrei o fogo onde havia fumaça, escritura é assim, homem curvo, vira cacunda; olho torto é zaroio; o manco eu digo que não tem perna, é assim, são regras da escritura”. Os argumentos de Biá não convenciam. Ele, irritado dizia: “cala mulher, galinha que muito cisca acha cobra” ou “quem muito fala, dá bom dia a cavalo”, entre outros ditos populares e frases espirituosas.

Cada um dos moradores queria narrar a sua versão, cercavam em volta de Biá, como se indagassem: O senhor escreve? – Entenda meu enredo, conforme lhe conto, sem tirar nem por. Biá ouvia os relatos confusos, emaranhados e, segundo cada qual, “verdadeiros”. “Eu conto, o senhor ponha as vírgulas. Vamo homem, escreva o que tô ditando”. Mas Biá, como bom contador de causos, queria o contrário, para ele, “o acontecido tem de ser melhorado no escrito, escrito de forma melhor, para que o povo creia no acontecido”. Os contares mantêm o povo mais ativo do que nunca. Mas se deram conta de que eles tinham somente as suas histórias orais como bem de valor, valor para quem? Como juntar se está tudo espalhado? Espalhado e em tons dissonantes.

Assim, os dias de Antonio Biá se transformam numa espécie de perseguição, onde ele ia, iam todos atrás dele para acompanhar a escritura dos fatos. Acontece que Biá, com um

senso de humor ferino, a todos espetava e já não tinha mais paciência para ouvir tanta lengalenga, nas suas palavras, o alarido de todos assemelhava-se a um “réveillon de muriçoca”. Ele não gostava de nada que ouvia, queria acrescentar sempre algo a mais, re-elaborar a escrita conforme seus metáforas e imaginação. Biá e sua imaginação fértil, que aos narradores de Javé parecia loucura, estão de acordo com a definição de Paul Zumthor, a imaginação não é louca, ela simplesmente dê-razoa. Assim Biá queria transformar os relatos que escutava em romance floreado, não queria levar o papel de historiador ao pé da letra. Ouvia por ouvir e tentava contar ao seu jeito. “A história é de vocês, mas a escrita é minha. Se não é parece que é, e passa a ser, então fica sendo”.

Se foi dito, se não foi dito, fica o dito pelo não dito

As palavras são símbolos que postulam uma memória compartilhada. A que agora quero historiar é somente minha. Jorge Luis Borges

Sobre o filme Narradores de Javé, à época do lançamento, em que faturou vários prêmios, muitas resenhas foram escritas destacando pontos altos do filme, dos quais a temática voltada à sobrevivência de um povoado que vivia até então à parte do progresso; as mazelas sociais advindas de uma invasão urbana sem planejamento, em nome do desenvolvimento econômico seria a tônica principal, além de protestos em favor dos “pobres desamparados”. Esses pontos são relevantes, sem dúvida, neste texto, porém, enfoco outras nuances, as quais considero bem peculiares à criação de Eliane Caffé.

Da primeira vez que vi Narradores de Javé, confesso que a construção da hidrelétrica que os fez despertarem daquela aparente tranquilidade, não me chamou muito a atenção, talvez por ser notícia constante nos canais de informação, esse aspecto ficou como pano de fundo, como cenário para a construção das cenas. O que me encantou foi a performance de cada narrador, mesmo aqueles que só riam das histórias contadas pelos amigos. O momento em que cada um era focado, a presença corporal e gestual era marcante o suficiente para prender o espectador e despertar o interesse para ver/ouvir outros atores a desenrolar a trama. Sem dúvida, o fascínio que o contar/recontar ainda desperta hoje, em plena época informatizada, é o jeitão que cada um imprime às suas performances e induz o espectador/ouvinte a entrar no jogo, pois que, “Na situação performancial, a presença corporal

do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília”. (ZUMTHOR, 2007, p.68-69).

Outros pontos a destacar. Primeiro, toda a trama foge aos dramalhões costumeiros nos quais os nordestinos ou o povo sem escolaridade em geral seriam apenas vítima dos “invasores civilizados”. Eliana Caffé soube temperar as situações apresentadas sob sutilezas e ironias, seja na performance de cada narrador, seja nos ditos populares de Biá, seja nos momentos hilários, nos quais todos brigam, ninguém se entende, mas todos têm uma missão, a de salvar Javé das águas diluvianas. E é nesse clima, segundo Biá, de “dilúvio bovino; mar de bois, bovil, canil de boi”, que os antigos moradores/sujeitos do enredo (des)tecem suas memórias, perpassadas por sofrimentos comuns ao povo do sertão.

Neste enredo, o sofrimento fica subentendido, o que chama a atenção são as atitudes dos moradores quando se sentem ameaçados pelos construtores da hidrelétrica que inundaria suas casas. Uma das preocupações recorrentes dos moradores, além das perdas materiais e de para onde iriam, é com as perdas simbólicas e/ou sentimentais. Eles querem ficar também para reverenciar os mortos. “Os mortos não podem ficar debaixo d’água”.

Segundo, os inúmeros temas presentes na película: a prática da oralidade, predominante entre os moradores, todos os adultos analfabetos, menos Biá; a história oficial, ainda não escrita por eles, mas laureada por feitos heróicos de seus antepassados; a performance – entendida aqui como demonstração de habilidades e/ou como um corpo vivo em ação em determinado contexto – de cada narrador, permeada pela espontaneidade, ora contida, ora expansiva ou mesmo explosiva; a importância e esperança que eles depositam na história escrita, verdadeira e científica, só assim eles provariam a importância de Javé. Performance entendida sobretudo, como movência, numa referência a Paul Zumthor, ou seja, ela acontece, tem caráter concreto e sensível, mas não se fixa, existe fora de duração apreensível do tempo, é o acontecimento em vias de, performance em processo.

A dimensão sensorial, a percepção, o dizer, o ouvir atentamente são elementos que permitem ao narrador enriquecer suas histórias, sua performance. Na medida em que seus recursos corporais o favoreçam e que ele consiga ser espontâneo e, se assim for, decerto conseguirá obter a empatia dos ouvintes que se contagiarão por sua atuação e habilidade de encadear novos personagens, novas situações e desenlace verossímil aos seus relatos. É bom lembrar que um narrador de causos não tem compromisso com a memorização simples de palavra a palavra, ele não tem compromisso com uma expressão determinada. Uma das características das sociedades sem escrita, ou dos praticantes da arte de contar, é a maior

liberdade e possibilidades de modificar e criar, enquanto recontam suas histórias, enquanto recolhem e ligam partes de relatos, numa infindável/saudável conversa de vozes distantes.

Em Javé, há predominância de tons de vozes atropeladas, mas envolventes e carismáticas, naquele sentido que Eugenio Barba – citado livremente – cunhou para um corpo em performance, independente de estar num palco, é mais ou menos esse carisma que observei naqueles corpos espontâneos a brigar por manter vivo o que é seu. Em cada narrador há, mesmo que meio desajeitado, um corpo e uma voz viva, palpitante, vibrante como uma chama; alguns emanam uma espécie de raio de sol que nasce dos próprios corpos a iluminar e aquecer todo o espaço, a trazer alegria ou mesmo irritação a quem ouve. O fato é que o receptor/espectador não fica indiferente às ações e artimanhas dos narradores de Javé.

Ao destacar a performance e a voz como elementos envolventes dos narradores, vale frisar o conceito de Paul Zumthor sobre o corpo performático “um corpo que fala está aí representado pela voz que dele emana, a parte mais suave deste corpo e a menos limitada, pois ela o ultrapassa, em sua dimensão acústica muito variável, permitindo todos os jogos”. (ZUMTHOR, 1983, p. 14) Assim, Biá joga com os narradores, estes, por sua vez, jogam com os espectadores, estabelecem, assim, aquele pacto para que o desenrolar das memórias aconteça, de acordo com as imagens guardadas e/ou projetadas sobre os acontecidos. Santo Agostinho elucida esse processo da memória.

Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígio (Apud GAGNEBIN, 1997, p. 75)

Santo Agostinho, considerado um dos primeiros semioticistas, atrela memória, palavra a imagens não fixas, no entanto. Palavras, imagens ao serem processadas naquela rede de significados incessantes, deixam vestígios, indícios a indicar possibilidades de significação. Em narradores de Javé, eles querem narrar os fatos conforme os vestígios que lhes restam, ou que eles conseguem re-elaborar e, acima de tudo, embora sem datas precisas, cada qual apresenta a sua versão da história, incluindo alguém de sua linhagem como herói fundador de Javé. Nenhum narrador se contenta com a história contada pelo outro, nenhuma narração dá conta do que teria sido a História das origens de Javé.

Ecléa Bosi aponta para o motivo do recontar entre os narradores e ouvintes ou entre história e estórias: “Que diferença a narração! Não se consuma, pois sua força está

concentrada em limites como a da semente e se expandirá por tempo indefinido”. (BOSI 1979, p. 46). À narração não cabe ponto final, a predominância de vírgula, reticências, exclamação e interrogação é uma das marcas que garantem a continuidade do contar outra vez.

O contar alinhavado, com começo, meio, fim, espaço e tempo determinado não combina com o espaço aberto à imaginação que as histórias e/ou relatos orais exigem. Pois “quem conta um conto, aumenta ou tira um ponto”. No campo do imaginário individual ou coletivo, como ocorre com os narradores de Javé, tudo é possível. Esse espaço sem limite ou compromisso com o realmente acontecido é o que predomina nos relatos e memórias javélicas. O exercício/prática de contar reitera o processo de recontar assinalado por Lia Luft, ao se referir ao processo de narrar algo rememorado. “Quando invento e desinvento, quando manejo, esses cordéis, são tão reais para mim essas criaturas minhas, como se sentassem à minha mesa e vagassem no meu corredor”. (LUFT, 1996, p. 134). Daí a familiaridade com que os narradores se apossam dos fatos e imprimem as suas falas ao suposto acontecido.

Além disso, “uma terra vale pelo que produz, mas vale mais pelo que esconde”. Daí que transferiram para Biá a missão de decodificar o que escondiam até então. Como “em terra de cego quem tem olho é rei”, em terra de analfabetos quem domina o código da escrita, explora ou escreve do jeito que lhe convém, Antônio Biá, o único letrado que poderia, ironicamente, salvar Javé, porque registraria a memória dos moradores, de forma científica. Voltando à trama, Indalécio era o personagem principal, em duas versões, único líder de um bando que se instalou em Javé, viajou dias, meses, com seu povo, carregando somente um sino, símbolo do sagrado, talvez para protegê-los e conduzi-los à terra prometida.

Quando a narração é feita por Deodora, a heroína da fundação de Javé é Maria Dinda, os outros se divertem com essa versão e a desmentem. São pessoas que mal sabem se expressar, ora por faltar palavras, ora por falar demais, tal o peso das lembranças ou da imaginação que tentam narrar. Todos querem fixar suas palavras em um dossiê escrito. O valor de salvação atribuído à escrita decorre naturalmente do poder atribuído aos que detêm o saber oficial. É como se eles soubessem, ou melhor, sabem que há muito, a transmissão do saber escolar, apoiado somente na escrita negou, suprimiu o reconhecimento de saberes populares, formas de saber enraizadas na experiência acumulada, na vivência do fazer, na transmissão oral e em situações específicas de cada lugar. Estes conhecimentos foram subjugados porque considerados ilegíveis; porque subsistiram à margem e fora dos livros, como corpos/constelação de significados, à espera de inserção nos espaços oficiais de produção do conhecimento.

A briga pelos feitos dos parentes deixa Biá atordoado, tanto é que ele resolve não escrever. É como se, como um bom ouvinte, quisesse apenas manter os relatos na memória. Segundo o modo de contar dos narradores, o meio não tem que estar na frente, o que vale é contar, recontar e (des)contar. Ou melhor, o que vale nesses momentos é a performance de quem narra. Uns, muito espirituosos, outros exaltados, outros muito calmos, mas todos tentando garantir que suas palavras fiquem gravadas no livro oficial da história de Javé. De tantas discussões, uma das participantes sugere que “as duas histórias têm sentido, não se pode tirar uma sem prejuízo da outra. Um trabalho de ciência é assim”.

Assim, nesse emaranhado de vozes, memória e performance, Biá, entre o envolvimento, o descrédito e a obrigação, ora se deixa envolver, ora tenta escapar das teias daqueles que detêm os resquícios do passado, das lendas, dos mitos. Tenta fugir daqueles seres capazes de seduzir audiências, com seus causos sem limites rígidos entre o imaginado e o vivido. Os narradores de Javé falam de aventuras, de amores e seus objetivos são fazer valer o registro oficial de Javé. Para eles não se dissolve a lógica do “verdadeiro”. Eles querem que cada versão seja o acontecido, embora não saibam que o que permeia suas histórias é a lógica do desejo, seja ele de reverenciar os seus, seja o de se manter vivos, seja o de salvar o lugarejo.

Em Javé, a história sempre fora muito contada e ouvida, mas nunca escrita e lida. Segundo Walter Benjamin “Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p. 37). Lembrar, narrar é sempre re-elaborar sob o tempo e ritmo da memória. Esta obedece a associações mentais que cada narrador é capaz de assimilar e imprimir às suas in(e)vocações.

Para Ecléa Bosi, “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada, ora de nostalgia, revolta, ora de resignação pelo desfiguramento das paisagens caras e pela desaparecimento de entes amados.” (BOSI, 1979, p. 41). Não importa se é verdadeira ou fantasiosa, o que vale é a impressão de quem acredita no que conta e de quem ouve, aprecia e se faz cúmplice dos que detêm as memórias de Javé. Assim é, e por isso, os velhos amigos não se cansam de falar sobre o que vivenciaram juntos numa conversa instigadora, que serve para reacender a chama de suas lembranças. Eles sabem: se não falarem, não recordam, não põem de novo no coração e, consequentemente, não se reconhecerão mais como sujeitos de uma história pessoal e como parte de uma história geral,

“pois contar e viver são duas faces da mesma moeda. A reiteração salienta a função da memória no dia a dia de um povo” (WALTY, 1991, p. 122).

Entre as diversas versões que ecoam em seus ouvidos, as confusas vozes que o perturbam e a responsabilidade de escrever o livro sobre as origens de Javé, Antônio Biá se rende, cansa de enganá-los e entrega o livro em branco. Os moradores, revoltados mais uma vez com Biá, o interrogam. Biá sentencia: “a história, é melhor ficar na boca do povo porque não há mão que lhe dê razão” (um louvor ao contar). Ele acrescenta, ainda, que o povo inventa história de grandeza para aguentar a vidinha rala que levam, “vou sair de costas para ver vocês sempre”. Biá esquece nesse momento que a necessidade de narrar é atividade inerente ao viver e à sensação de se pertencer a uma época e espaço, além de que o ato de narrar gera a ilusão de que se deixa algo para a posteridade.

A atitude e o gesto de Biá remetem a outra passagem do filme em que se diz que a saída do lugar, seria um recuo e não uma fuga. Esse momento remete ainda a uma bela metáfora de Walter Benjamin, *anjo da história* que fica de costas para a paisagem ou para a história. Biá caminha olhando o passado a ser destruído ou invadido irremediavelmente pelo futuro, pelo progresso, pelas águas insufladas pela hidrelétrica. Mas esta, responsável pela transformação do sertão em mar, não afogará a memória, a cultura local e os antepassados, porque todas as narrativas permanecerão em cena, na boca dos narradores e nos ouvidos de quem os escutar.

A referência ao quadro de Paul klee, *Angelus Novus*, a que se refere Walter Benjamin, é a de um anjo que parece afastar-se de algo perturbador, incômodo que ele encara fixamente. Figura de olhos bem abertos, boca dilatada, como se espantado, asas abertas, pronto para partir ou proteger? Segundo Walter Benjamin, o anjo da história teria esse aspecto de alguém que vê uma catástrofe, ruínas sobre ruínas dispersas ou soterradas sob pés de quem não as escuta, vê ou reconhece. Assim, o anjo metaforicamente empurrado por ventania, como se nada mais houvesse a fazer. Essa ventania/tempestade/água o empurrariam para um futuro, ao qual ele vira as costas. Biá procede de maneira inversa, se afasta, mas olhando para todos, como se renunciasse ou acreditasse num renascer das cinzas em outras paisagens, ou melhor, das casas e das memórias submersas sob as águas nada javélicas do povoado de Javé.

As memórias e vozes javélicas ficarão na errância, já que aos moradores de Javé, não restou alternativa, senão a de sair do local à procura de outras terras, tornaram-se nômades errantes – redundância proposital – assim, suas vozes se atualizarão em outros meios, em diferentes situações de performance, mas nunca serão apreendidas totalmente, “serão sempre

passagem, relação, movimento nômade, encontro de presenças que se tocam por um átimo de instante, para se deslocarem logo depois, em processo de movência e transformação”. (ZUMTHOR, 2007, p.86-87)

Pois que, as vozes “só se manifestam de maneira fortuita e marginal, na cotidianidade dos discursos ou na expressão informativa (...) pouco importa que ela seja ou não entregue à escrita” (ZUMTHOR, 2007, p.87). Assim, os moradores de Javé, juntos ou separados, levarão em suas memórias a Odisseia javélica contada e recontada, mas não escrita no livro da salvação. E, quem sabe, se a recusa de Biá, em escrever as histórias, não seria uma maneira de demonstrar ou de chamar a atenção para a importância dos relatos orais também como elementos constituintes das identidades/história dos povos.

Referências

- BARBA, Eugênio. Além das ilhas flutuantes. Campinas-São Paulo: Hucitec, 1991.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Elea. Memória e sociedade. Lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1979.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Sete aulas sobre linguagem memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LUFT, Lia. O rio do meio. São Paulo: Mandarim, 1996.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. *Narrativa e imaginário social: uma leitura das histórias de maloca antigamente, de Pichuvy Cinta Larga*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1991. (Tese de Doutorado).
- ZUMTHOR, Paul. Babel ou o Inacabamento – Reflexão sobre o mito de Babel. (1997; póstumo). Trad. Gemeniano Caseais Franco. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998.
- ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção, Leitura. (1990). Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ZUMTHOR, Paul. Escritura e Nomadismo. (1990). Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia, S.Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- ZUMTHOR, Paul. Tradição e Esquecimento. (1988) Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.
- ZUMTHOR, Paul. A Letra e a Voz. (1987). Trad. Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZUMTHOR, Paul. Introdução à Poesia Oral. (1983). Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria L. D. Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1007.
- [http://www.google.com.br/search + Angelus+novus + Paul Klee](http://www.google.com.br/search+Angelus+novus+Paul+Klee)

Ficha Técnica do filme

Narradores de Javé (2003)
Direção: Eliana Caffé

Elenco: José Dumont - Antonio Biá; Matheus Nachtergaele - Souza; Nélon Dantas - Vicentino; Rui Resende - Vado; Gero Camilo - Firmino; Luci Pereira - Deodora/Mariardina; Nelson Xavier - Zaqueu; Altair Lima - Galdério; Alessandro Azevedo - Daniel; Henrique Lisboa - Cirilo; Maurício Tizumba - Samuel; Orlando Vieira - Gêmeo; Roger Avanzi - Outro.

Principais prêmios e indicações

- **Cine PE - Festival do Audiovisual** - Venceu nas categorias de melhor filme, direção, montagem, ator (José Dumont), ator coadjuvante (Gero Camilo), edição de som e atriz coadjuvante (Luci Pereira).

- **Prêmio da crítica e o Prêmio Gilberto Freyre.**

- **Festival do Rio 2003** - Melhor ator (José Dumont).

- **Festival Internacional de Friburgo 2003** (Suíça) - Recebeu o prêmio da crítica.

- **30º Festival Internacional do Filme Independente de Bruxelas** (Bélgica) - Dois prêmios, nas categorias de melhor filme independente e de melhor roteiro.

- **VII Festival Internacional de Cinema de Punta del Este 2004** - Venceu na categoria de melhor filme.

- **5º Festival de Cinema des 3 Ameriques 2004** (Quebec, Canadá) - Venceu na categoria de melhor filme de ficção, entre outros.